

GALERIA RATTON
A SOMBRA DO ESPELHO – ANA SÉRIO
De 19 de Junho a 31 de Julho 2008

Reserva de Asas Únicas

*“As coisas são apenas ideias; permite às tuas
ideias que se transformem em coisas.”*

Jean Dubuffet

Os chineses entendem que pisar a sombra de alguém é uma falta de cortesia grave, a invasão de um território-alma que não é o seu. No cinema expressionista alemão, da primeira década do século XX, a sombra, o duplo, era a verdadeira essência dos personagens, o sinal revelador e antecipador da sua natureza mefistofélica.

Confrontada com diferentes correntes de pensamento que levaram à exaltação da sombra, como verdadeira e luminosa realidade ou, pelo contrário, a denegriram, situando-a na esfera do maligno ou ao nível da doxa, o falso conhecimento, Ana Sérgio explica que ao escolher para título da exposição “A Sombra do Espelho” não quis impor um significado à sombra, “não definiu se é realidade ou ilusão, pretendeu antes revelar o seu espaço, o lugar que ocupa e não nos é revelado”.

Nesta medida, “A Sombra do Espelho” afirma a pluralidade de espaços contidos num lugar, à partida desconhecido e indefinido, aspira a ser viagem ou veículo de viagem ao labirinto de reflexos que a todo o instante se recriam e fundam o mais prosaico dos mundos.

O prosaico, como disse Fernando Pessoa, não está nas coisas mas em nós. E em Ana Sérgio de certeza que não está. O toque da pintora não é o da banalização mas o do adensamento do mistério. Talvez por isso aprecie a obra de Jorge Luis Borges e de Lewis Carroll, prestidigitadores de mundos por vir.

Mas a obra de Ana Sérgio, que agora se expõe na Galeria Ratton, não é só imagem (recordemos as pinturas das séries “Ensaio de Sonho”, “Planofusão” ou o díptico “*Reductio ad absurdum*”) mas objecto, não é só afirmação mas

instrumento. No seu labor experimental, na sua oficina de insondabilidades nasceram pequenas bolsas de sobrevivência do duplo, matéria que se dispõe à habilidade expansiva do sonho. Como se a pintura se tivesse emancipado da tela, como se fragmentos dessa mesma pintura ganhando corpo tivessem ido pousar numa parede como asas únicas de uma criatura inominável (vejam-se as obras integradas nas séries “*Hard Fact Norwich Recollection*” e “Matéria de Sonho”).

Outras pinturas foram definitivamente aprisionadas, ou será melhor dizer, conservadas, protegidas em caixas acrílicas (“Câmara de Ar com Hrönir”). Transformaram-se em reservas de ar e em espécies mágicas; em simultâneo, são produto e matriz do processo alquímico da criação. Subordinadas à gramática de formas e cores de tons secretos ou contrastantes, estas pinturas/esculturas poderiam expandir-se no espaço, à maneira de cenografias neo-futuristas de um espectáculo onde os *performers* substituíssem as palavras por composições lumínicas.

E porque o ilusionismo da metáfora é igualmente lúdico, Ana Sérió leva ainda mais longe a arte das miragens. As suas caixas de espelhos (nomeadamente a série “Revérbero”, na qual se inclui ainda o díptico “Câmara do Segredo”) apresentam-se como anzóis magnéticos que nos podem impelir não a matar o Minotauro mas a usar os seus olhos múltiplos.

“Quanto mais as obras de arte são espirituais maior a erosão da sua substância”, defendia o filósofo, sociólogo e musicólogo alemão Theodor Adorno. Esta erosão encontra-se em Ana Sérió na tendência para conter a paleta de cores até ao limite de ser apenas reflexo, ilusão óptica.

“A Sombra do Espelho” é pois um Lugar, um Continente estético e ontológico, que se oferece ao conhecimento e à experiência dos duplicadores de mundos. Para entrar não é preciso uma senha, nem estatuto, mas o maior grau possível de latitude. Por cima do azul voam as espécies de asa única que comem o Sol sem se queimarem.

Susana Neves